

Mídia Alternativa e Grande Imprensa: As Manifestações de Junho na Ótica do *Brasil de Fato* e da *Folha de S.Paulo*¹

Cícero de Aquino Costa Simões^(*)

Apresentação

Tomando por base as manifestações que varreram o Brasil no mês de junho de 2013, o artigo tem como objetivo fazer uma análise da leitura que os jornais, tanto os da grande imprensa quanto os alternativos, fizeram desses eventos. Nesse sentido, exploro como recorte de análise os editoriais produzidos por ambas as modalidades de jornalismo. Para isso, foram selecionados os editoriais dos jornais *Folha de São Paulo* e *Brasil de Fato*.

O diário *Folha de São Paulo* está enquadrado no grupo de jornais que pertencem àquilo que se convencionou chamar de grande imprensa, enquanto o semanário *Brasil de Fato* pode ser classificado como imprensa que integra o grupo dos jornais alternativos. Ambos possuem tiragem nacional, sendo que o segundo ainda possui uma edição fluminense, com a mesma periodicidade da edição citada há pouco.

A escolha por analisar as manifestações de junho, pelo olhar sobre o editorial desses jornais, se deu pelo fato de ser através dele que se pode conhecer, nas palavras de Alves Filho (2001, p. 63), “explicitamente qual é sua visão de mundo”. Ora, é no editorial que o jornal se posiciona e deixa claro quais são os valores, as crenças e ideologias que norteiam a publicação, de modo que, se na busca de se conhecer o posicionamento desses jornais acerca das manifestações de junho, utilizássemos para isso a opinião de um de seus colunistas, ao invés de seus editoriais, poderíamos incorrer em um erro crasso. Isso por não apreender qual é o verdadeiro posicionamento das gazetas sobre aquele fato jornalístico, visto que a opinião do colunista, sua visão de mundo e seus valores podem não ser, necessariamente, a opinião, a visão e os valores do jornal sobre aquele fato. Os jornais da grande imprensa, majoritariamente, buscam, por uma questão meramente comercial, colunistas que dêem às

¹ O artigo consiste em resultado de pesquisa realizada no curso de extensão “Política, Comunicação e Mudanças Sociotécnicas”, promovido pelo Núcleo de Estudos em Tecnologia e Cidadania (Nuetec) da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro – Faeterj-Rio/Faetec, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Bitencourt da Silva.

^(*) Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, professor de Geografia da Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ e pesquisador do Núcleo de Estudos em Tecnologia e Cidadania – Nuetec/Faeterj-Rio/Faetec. E-mail: georio2006@yahoo.com.br

suas publicações um caráter plural e diversificado, ou seja, que possuam os mais diferentes posicionamentos, inclusive diferentes do próprio jornal, pois, assim se consegue abarcar um maior número de possíveis leitores, com visões de mundo igualmente diversas. Dessa forma, o jornal pode conseguir um maior número de compradores para a sua mercadoria: a informação.

Uma vez esclarecido os motivos pela escolha em analisar os editoriais das publicações citadas, seguiremos, tratando de conceituar o que denominamos de grande mídia e mídia alternativa, por meio de uma discussão teórica, pertinente ao pleno entendimento da análise.

Grande mídia e mídia alternativa

No momento em que as ferramentas digitais disponíveis (*tablets, notebooks, netbooks, smartphones* etc.), associadas à “universalização” da banda larga, passam a ser utilizadas por um número cada vez maior de pessoas que buscam se informar, produzir informação, contra-informar e questionar os padrões sociais estabelecidos, a presente discussão se faz oportuna, porque o uso desses instrumentos técnicos – por uma parcela cada vez maior da sociedade – carrega consigo questionamentos sobre o papel que vem sendo exercido pelas mídias: grande e alternativa.

O uso da *internet* para fins informativos tem se mostrado tão grande que, em conferência realizada em Cuba, o jornalista e sociólogo Ignacio Ramonet (2013, p. 85) afirmou que: “o jornalismo vem sendo dinamitado pela *internet* no mundo inteiro. (...) Ao criar um continente midiático inédito, a *internet* produz um jornalismo novo (*blogs, redes sociais*), em concorrência direta com o jornalismo tradicional”.

No entanto, é importante registrar que essa “dinamitação” sofrida pelo jornalismo, neste caso o da grande mídia, é fruto justamente da perda de credibilidade que esta sofre. O mesmo Ramonet (2013, p. 86) pondera que “esse fenômeno reflete-se na perda de credibilidade dos jornalistas devido ao forte vínculo que muitos deles mantêm com o poder econômico e político, suscitando desconfiança geral no público”. Por conseguinte, em pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo² sobre os meios de comunicação, a assertiva acima é confirmada, visto que, mais de 60% dos entrevistados acham que a os meios de comunicação dão mais espaços para empresários, no noticiário, enquanto que, apenas, 18% acreditam que esses meios privilegiam os trabalhadores.

² Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br>, acesso em 22/08/2013.

O que fica evidente, dessa forma, é que há em curso uma insatisfação com um tipo de mídia, a grande mídia, que *não representa*³ grande parte da população. Portanto, a fim de melhor compreender como esse fenômeno se processa, é imperioso esclarecer do que se fala quando se usa a expressão grande mídia.

A grande mídia diz respeito aquele tipo de produção jornalística em que os “operadores empresariais vêem a indústria da informação, comunicação e cultura como forma de obter dividendos econômicos, um negócio” (BRITTOS *et al*, 2011, p. 23). Em outras palavras, consiste em um tipo de empresa jornalística que pauta o ato de informar, comunicar e entreter pelo retorno financeiro que obterá. A comunicação é vista como mais uma atividade comercial e tem no lucro seu principal objetivo.

No Brasil, a grande mídia é representada por grandes conglomerados empresariais, tais como: as Organizações Globo, o Grupo Folha, Grupo Abril e Grupo Bandeirantes, dentre outros. De uma maneira geral, todas essas empresas de comunicação exercem enorme influência na vida política do país, dado seu peso e dominação que exercem nos meios de comunicação. Atualmente, segundo a Fundação Perseu Abramo⁴, os veículos de comunicação no país encontram-se em mãos de cerca de 10 famílias, que controlam tudo aquilo que chega à casa de milhares de brasileiros, seja pela TV, *internet*, rádio, revista, cinema ou jornal.

A atual configuração do sistema de comunicação no Brasil, acaba pondo em risco o pleno exercício da democracia, uma vez que as empresas de comunicação, ao abarcarem a totalidade das mídias, acabam filtrando sobremaneira a informação. De modo que a construção de um ambiente cultural e político mais progressista esbarra na “aprovação” ou não desses mesmos meios, que, no Brasil, chegam a atuar como “partidos políticos” (cf. AMARAL, 2002 p. 81). Fazem oposição a governos ou a medidas governamentais e legislativas que não coadunam com os seus interesses.⁵

Ao estudar o nascimento dos partidos políticos, Duverger (1970, p. 458) aborda a questão dos meios de comunicação e sua relação com a existência ou não da democracia. Ao

³ Para utilizar uma expressão corrente nos protestos e nas ações *ciberativistas* #FORAFELICIANO, contra o deputado federal Pr. Marcos Feliciano, que mesmo já sendo, em mais de uma vez, protagonista de ações racistas e homofóbicas, se tornou presidente da comissão de direitos humanos da câmara.

⁴ Idem.

⁵ *O Globo* 19/03/2010 em matéria que cobria a reunião que diferentes entidades representativas de diversos meios de comunicação faziam para discutir o Plano Nacional de Direitos Humanos, que em um de seus artigos previa a democratização dos meios de comunicação, a presidente da ANJ (Associação Nacional de Jornais) e executiva do Grupo *Folha* à época Maria Judith Brito deu a seguinte declaração: "A liberdade de imprensa é um bem maior que não deve ser limitado. A esse direito geral, o contraponto é sempre a questão da responsabilidade dos meios de comunicação e, obviamente, esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada. E esse papel de oposição, de investigação, sem dúvida nenhuma incomoda sobremaneira o governo”.

salientar que “no século XIX, quando só as potências econômicas e financeiras é que dispunham da imprensa, dos meios de informação e de propaganda, bem como de uma aparelhagem de enquadramento de eleitores, não existia a democracia (...)”, faz-nos levar à conclusão de que no Brasil, naquilo que tange a relação entre democracia e meios de comunicação, ainda estamos muito próximos das relações de poder do século XIX. Isso porque os grandes conglomerados de comunicação, em linhas gerais, “travam” a democracia, ao dificultarem a livre circulação de informação, tão cara ao exercício da cidadania. Produzem com isso riscos à vida pública, ao desestimularem o envolvimento coletivo com os padrões e princípios da sociabilidade democrática (SILVA, 2006).

Na atual conjuntura, não precisamos manter-nos demasiadamente pessimistas, a esse respeito. Sobretudo, por conta do aumento gradual e constante do uso de meios alternativos de comunicação, principalmente entre os que, em sua maioria, estão disponíveis na *internet* e se apóiam no uso dos novos dispositivos técnicos, detentores de opinião explícita. A referida pesquisa da Fundação Perseu Abramo joga luz sobre esse fato, ao constatar que entre os entrevistados, 57% tinham algum tipo de acesso à *internet* e que, entre estes, 68,6% utilizam a rede virtual buscando informação/notícias em primeiro lugar. Cerca de 19% a utilizam para acessar alguma rede social ou contato com os/as amigos/as. O primeiro dado não esclarece muito sobre o uso dos meios de comunicação alternativos, uma vez que as grandes corporações de comunicação acabam transferindo seu poder para o ambiente virtual (AMARAL, 2002 p. 98), de sorte que o fato de buscar notícias informações na *web* significa, muitas vezes, perpetuar o filtro da grande mídia sobre a informação.⁶ Entretanto, o último dado é importante, pois as redes sociais são o espaço utilizado pela maioria dos meios alternativos de comunicação para divulgação de suas atividades, como marcação de eventos, páginas informativas, divulgação de ações, postagens de vídeos e fotos etc. Isso nos leva a concluir que os meios alternativos são utilizados por um número considerável de usuários da *internet*, ainda que não tenhamos uma pesquisa específica sobre esse uso. O dado da mesma pesquisa que afere que, entre os hábitos de mídia dos entrevistados, a *internet* se mostrou preferencial para 43%, reforça a nossa hipótese, ainda que a tv aberta seja utilizada pela maioria, cerca de 94% dos entrevistados.

⁶ De acordo com o *site* Alexa, do grupo Amazon, que “ranqueia” os acessos de *internet* no mundo, entre as dez páginas eletrônicas mais acessadas no Brasil, os *sites* brasileiros de informação ocupam respectivamente as seguintes posições: 5º lugar – Universo *online*, do Grupo Folha; e, em 6º lugar, o Globo.com, das Organizações Globo.

Esse tipo de mídia, a alternativa, é aquela que possui claramente um compromisso com a comunicação enquanto bem comum e direito humano (MORAES, 2013). Podemos assim dizer que os meios alternativos de comunicação são aqueles que

atuam como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com a clara tendência a democratizar a palavra e a informação (MORAES, 2009, p. 232).

Os meios de comunicação alternativos, portanto, são instrumentos utilizados por coletivos e movimentos sociais, já tão acostumados à cobertura tendenciosa e criminalizante que a grande mídia costumeiramente faz de seus atos. Os meios alternativos buscam dar às ações e atividades dos movimentos sociais uma cobertura jornalística que realmente leve em consideração o que têm a dizer e como querem dizer. Nesse raciocínio os movimentos sociais, cooperativas e coletivos que se utilizam desses instrumentos – e que tradicionalmente possuem compromisso com uma visão de mundo que esta situada à esquerda ideologicamente, tendem a dar uma grande contribuição ao aperfeiçoamento e ao desenvolvimento da democracia com caráter representativo (BOBBIO, 2002). Na medida em que trazem à cena, à agenda pública a possibilidade de reverberar questionamentos e posições que, por razões óbvias, não estarão estampados nos meios de comunicação da grande mídia, diminuem, com isso, a tendência em crer que “vivemos em noções absolutamente irrealis de democracia” (DUVERGER, 1970, p. 457).

Podemos assinalar ainda como peculiaridades da mídia alternativa, segundo Moraes (2009), as seguintes características:

- a) estruturação para trabalho político-ideológico;
- b) contrapor conteúdos críticos;
- c) associar-se às mobilizações anticapitalistas;
- d) usar métodos colaborativos de gestão;
- e) utilizar-se de formas não mercantis de financiamento.

Creemos com o que foi posto nas linhas anteriores, de certa forma, ter esclarecido a diferença entre grande mídia e mídia alternativa. Não obstante, cabe ainda um esclarecimento, como não trataremos neste trabalho de mídias alternativas virtuais, (como blogs, sites, redes sócias etc) mas sim com mídia impressa, oportuno se faz dizer que ao invés dos termos grande mídia e mídia alternativa, utilizaremos os conceitos de grande imprensa e imprensa alternativa, estes serão melhor conceituados na seção seguinte, onde também trataremos dos jornais contemplados para nossa análise.

Os jornais *Folha de S. Paulo* e *Brasil de Fato*

Adotamos como critério de escolha sobre os editoriais a seguinte classificação: jornal da grande imprensa e jornal alternativo. Mas o que significam essas classificações? Como se caracterizam? Será essa nossa tarefa nesse momento.

Para jornal da grande imprensa, utilizaremos a definição de Alves Filho (2001, p. 55), segundo o qual são aqueles que “fazem parte da indústria cultural, são sediados em centros urbanos, possuem grandes tiragens, são lidos por milhares de pessoas diariamente e desfrutam de alta credibilidade social.

O jornal da grande imprensa escolhido para a análise de editorial foi a *Folha de São Paulo*⁷. Esse diário contempla todas as características necessárias para se enquadrar na classificação de veículo da grande imprensa. É considerado o jornal mais importante do país, seus leitores o chamam carinhosamente de “Folha”, está sediado na cidade economicamente mais próspera do país. Seu antigo e notório *slogan* “Folha não dá pra não ler”, fazia menção ao fato de que a sua leitura deve ser considerada “indispensável” a muitos brasileiro. O jornal se autodenomina como sendo um “jornal a serviço do Brasil” e possui cadernos e suplementos que gozam de grande prestígio. O jornal é parte importante do Grupo *Folha* que, além do impresso, controla mais de 20 outros meios de comunicação⁸, divididos entre impressos (jornais como o *Valor Econômico*, por exemplo, e revistas como a *Serafina* e o *Guia Folha*); serviços de *internet* (provedores, como o *UOL*, o maior do país); sistema de pagamento seguro para transações eletrônicas (como o *PagueSeguro*); e institutos de pesquisa (como o consagrado *Datafolha*).

Uma parte daqueles jornais que não se enquadram na formatação que tipifica a *Folha*, é chamada de jornais alternativos, ou ideológicos. Entre os jornais desta classificação escolhemos para a análise em curso os editoriais do *Brasil de Fato*⁹. Este impresso foi lançado durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2003, por diferentes organismos dos movimentos sociais: MST, Via Campesina, Consulta Popular e Pastorais Sociais. Possui uma tiragem semanal e circulação nacional. O jornal foi criado com o intuito de contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais no país.¹⁰ O jornal também lançou recentemente um semanário que circula

⁷ O jornal *Folha de S. Paulo* teve seus editoriais analisado no período de 10 a 30 de junho, mediante a utilização de seu acervo digital disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>.

⁸ Para maior detalhamento acessar o site institucional do Grupo Folha. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/institucional/. Acesso em: 08/07/2013.

⁹ O jornal *Brasil de Fato* teve seus editoriais analisados no período de 06 de junho a 03 de julho de 2013, o que corresponde a 4 (quatro) edições do semanário, mediante acesso em seu site: www.brasildefato.com.br.

¹⁰ Site do jornal disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/1>. Acesso em: 07/07/2013.

no Rio de Janeiro e é distribuído gratuitamente. O *Brasil de Fato* também possui seu braço virtual, onde funciona como agência de notícias, disponibilizando diariamente informações e análises de caráter contra-informativo seja através de seu *site* (Brasildefato.com.br) ou em sua *Fun Page* (facebook.com/brasildefato). Tais iniciativas, ao nosso ver, são partes de uma estratégia que busca “furar” o bloqueio midiático que, de forma contumaz, discrimina ou ignora reivindicações de cunho popular (Moraes, 2013).

As manifestações de junho no Brasil

Sendo o foco deste trabalho a cobertura editorial das manifestações e dos protestos ocorridos em junho, por todo o Brasil, entendemos ser necessário tecer algumas palavras sobre seu caráter, causas, características e reivindicações de maneira à compreender melhor o posicionamento dos impressos sobre a temática.

As manifestações iniciaram-se em São Paulo, mais precisamente no dia 06 de junho de 2013¹¹. Motivado pela não aceitação do aumento das tarifas dos ônibus que circulam na capital paulista o MPL (Movimento Passe Livre), utilizando as redes sociais, convocou diversos jovens e estudantes, e quem mais se dispusesse, a protestarem sobre o ocorrido, considerado inaceitável. O palco escolhido para os atos foi a Av Paulista, símbolo do poder e centro financeiro da maior metrópole da América Latina. Deste marco temporal em diante os protestos se espalharam pelas principais capitais até culminar com a revogação do aumento das tarifas em diversas cidades brasileiras, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro, em 20 de junho (*O Globo*, 2013). Neste mesmo dia, estima-se que só, na cidade do Rio de Janeiro, 1 milhão de pessoas foram às ruas. Além desse fato expressivo, também ficaram marcados como símbolos dessas manifestações alguns fatos verdadeiramente surpreendentes: a quase ocupação do Congresso Nacional; a plena ocupação da Esplanada do Planalto; a ocupação de diversas câmaras municipais pelo Brasil; e os distúrbios na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

As manifestações ficaram conhecidas por diversos nomes: “Revolta das tarifas”, “Revolta do vinagre” (por conta das apreensões de vinagre feitas pela polícia, este foi utilizado como antídoto para os efeitos dos gases de pimenta e lacrimogêneo), ou ainda “Primavera brasileira” (uma clara alusão ao ventos revolucionários que sopraram no Oriente Médio e derrubaram ditaduras, há muito, estabelecidas). Inicialmente possuíam como mote de

¹¹ Para uma cronologia mais detalhada das manifestações consultar o portal Terra: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/confira-a-cronologia-e-os-principais-acontecimentos-dos-protestos-em-sp.7100898aa144f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 10/07/2013.

ação o fim do aumento das tarifas. Todavia, durante o seu curso, diversas pautas passaram a agregar o “coro dos insatisfeitos”, entre algumas delas estavam o arquivamento da PEC 37 (Proposta de Emenda Constitucional que buscava retirar do Ministério Público a atribuição de fazer investigações), destinação de 10% do PIB para educação e melhorias e mais verbas para o SUS (Sistema Único de Saúde). Igualmente, podemos definir como marcas dessas manifestações o grito contra a presença de partidos nos protestos de ruas, a violência policial contra os manifestantes e a imprensa e as depredações contra símbolos do sistema econômico e político como: bancos, sedes de multinacionais, câmaras municipais de vereadores e assembleias legislativas estaduais.

Cabe-nos finalmente fazer uma observação fundamental sobre o caráter dessas manifestações. A analogia feita acima, dos protestos aqui ocorridos com os recentes protestos árabes, poderia também ter sido feita com os movimentos contestatórios ocorridos na Espanha e que foram convocados pelo movimento conhecido como #15M, sem com isso gerar nenhum prejuízo ao entendimento dos fatos, uma vez que, os protestos ocorridos deste lado do atlântico e os movimentos que varreram a península Ibérica e o Oriente Médio guardam uma semelhança deveras importante, todos se caracterizam por se apoiarem fortemente na utilização dos recursos tecnológicos e das redes sociais para organização e convocação de seus atos o que lhes deu um caráter de organização horizontal, onde não há liderança, mas sim troca entre os participantes (PUDDPHATT, 2011, TORET, 2012). A descrença em estruturas e instituições de caráter verticalizado (partidos, sindicatos etc.) também se observava nestes movimentos (IASI, 2013). A busca por avanços e ajustes na democracia representativa, como a criação de mecanismos de ação direta (WU, 2012), é também uma marca que, de maneira geral, os aproximam. Possuem aspectos que mais os unem do que os distam, de forma que um intercâmbio entre pólos diversos de luta espalhados pelo planeta surgem e orquestram, muitas vezes, protestos que ultrapassam as fronteiras nacionais¹², dando um viés supranacional aos atos, pois identificam o mesmo adversário para os problemas do desemprego, do achatamento salarial, do retrocesso sobre as previdências sociais e o direito à moradia. Assim, assistimos o nascimento de um fenômeno que podemos chamar de globalização das lutas, na medida que, a sanha do capital afeta da mesma forma, guardada as devidas proporções, “os homens lentos” (SANTOS, 1996, p. 220) de todo o mundo, que

¹² Em 15/10/2011, inspirados pelos espanhóis que ocupavam praças em Madrid e Barcelona desde maio daquele ano e nos estadunidenses com o *Occupy Wall Street*, presentes nas praças do centro financeiro nova iorquino, mais de 80 países se reuniram em ato mundial contra o sistema econômico, a iniciativa ficou conhecido como Movimento dos Indignados. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/movimento-de-indignados-consegue-respaldo-mundial.html> Acesso em 13/07/13.

reagem buscando dar um novo direcionamento à política, entretanto, estas ações multi-continentais só são possíveis nesta temporalidade, graças ao advento da internet e todo o potencial tecnológico que com ela veio e surge, seja material, seja virtual.

Como a *Folha de S.Paulo* e o *Brasil de Fato* interpretaram as manifestações de junho?

Sobre a cobertura dos impressos analisados, talvez a palavra que melhor traduza a forma como as gazetas verbalizaram as manifestações em sua primeira semana seja *surpresa*. Tanto o jornal da grande imprensa como o jornal alternativo, na semana em que iniciaram os protestos, não reservaram uma linha de seus editoriais sobre a temática. Contudo, a ausência do fato nesses jornais e a maneira como a surpresa se deu possuem razões divergentes.

O *Brasil de Fato* é um semanário, portanto, a sua edição semanal de 06 a 12 de junho não pontuou o fato por questões óbvias. Ora, os protestos se iniciaram em 06 de junho e o jornal só lançaria outra edição em 13 de junho, portanto, não houve como o veículo incluir na edição da semana do início dos protestos qualquer análise sobre os mesmos, seja em sua edição nacional, seja em sua edição fluminense, por falta de tempo hábil. Outra questão que pode ser levantada, como hipótese, é a seguinte: apesar do jornal ser ligado a movimentos sociais, entre eles, e principalmente, o MST, que normalmente organizam marchas, protestos e reivindicações tomando as ruas, nenhum dos protestos de junho parecem ter ligação com alguns dos movimentos que colaboram com o jornal, o que reforça o caráter horizontal e urbano dos atos ocorridos no mês de junho.

Diferentemente do *Brasil de Fato*, a *Folha* é um diário, de modo que a ausência de uma notícia ocorrida após o fechamento da edição pode, se assim interessar ao jornal, ser contemplada na edição do dia seguinte, ou seja, apesar de ter sido pego de surpresa pelos atos, o jornal poderia ter, se não no dia posterior na semana corrente, tratado do tema. Contudo, tal fato não ocorreu. O editorial da *Folha* só tratou das manifestações no dia 13 de junho, uma semana depois de já terem ocorrido eventos que, de uma maneira geral e em circunstâncias outras, já teriam sido alvo da análise do jornal que está *a serviço do Brasil*, de acordo com sua auto-imagem. O fechamento da Av. Paulista, o confronto entre polícia e manifestantes e os ataques às vidraças de bancos, não mereceram a atenção da publicação em seu editorial. Nele foram privilegiadas análises outras como:

- a) críticas ao Senado e ao SUS (07/06);
- b) elogios à MP dos Portos e crítica à construção de mais tribunais (08/06);
- c) queda de popularidade da presidenta e posicionamento contra o rigor da legislação que pune quem bebe e dirige (09/06);

- d) transparência sobre os tributos e a espionagem americana (10/6);
- e) popularidade positiva do governador de São Paulo e lei de transparência dos gastos públicos (11/6);
- f) e finalmente, ataque à política econômica do Planalto e a construção de corredores nas vias marginais da cidade de São Paulo, esse último dentro das razões dos protestos, mas sem citá-los (12/6).

Pelo que foi posto acima, podemos inferir juntamente com Silva & Santos, (2011, p. 186) que a ausência do fato nos editoriais do diário se dá porque “dimensões propriamente humanas e de natureza social e política distributivista, de maneira geral, são secundarizadas em sua linha editorial”.

Passada essa informação inicial, que de certa maneira aproxima as duas publicações, no que diz respeito a coberturas das manifestações, a partir de agora iremos analisar em separado cada publicação de maneira a tornar mais didática a apresentação dos fatos.

Na semana posterior ao início das manifestações o jornal *Brasil de Fato*, em sua edição de 13 a 19 de junho, num esforço de levar ao seu leitorado uma análise sobre os ocorridos, ainda que em sua edição nacional novamente não tenha tratado do assunto, onde a questão indígena foi privilegiada, a edição da sucursal carioca trouxe em seu editorial um panorama da situação dos transportes no Rio de Janeiro. Pontuando sobre a necessidade de haver uma política de mobilidade que não puna quem more longe do centro das cidades com a ausência de cultura/lazer e menor possibilidade de emprego. O semanário buscou contextualizar para seu leitor, ao nosso ver, a razão dos protestos, que desde a semana anterior, ainda que de forma mais pontual, já haviam chegado à capital fluminense¹³.

Na semana de 20/26 de junho o jornal, em seu editorial nacional, assinalava que o receituário neoliberal adotado na década de 1990 afastou o país do caminho das reformas estruturais, portanto, as manifestações da juventude teriam o papel de retomar o avanço na direção dessas reformas. O editorial classifica as manifestações como “pedagógica para o conjunto da classe trabalhadora” (*Brasil de Fato*, 2013, p. 2) porque teriam o poder de trazer o proletariado à luta novamente. Ainda é contemplado nesse editorial a denúncia à tentativa da *imprensa conservadora* disputar os rumos das manifestações. O editorial local do semanário dá ênfase à conquista da redução da tarifa na capital fluminense e em diversas

¹³ Mais detalhamento em infográfico do jornal O Globo, <http://oglobo.globo.com/infograficos/cronologia-protestos-onibus/> acesso em: 25/08/2013.

idades do estado. O jornal utiliza ainda seu editorial para prestar um serviço às manifestações, convocando para um ato, informando hora e local.

A edição da semana de 27 de junho a 03 de julho traz em seu editorial nacional um claro posicionamento do impresso contra o que chamou uma tentativa da direita em “instrumentalizar as atuais lutas que surgem por reivindicações legítimas e progressistas”, uma alusão à “evidente eficiência dos monopólios da comunicação em pautar o movimento selecionando as bandeiras que interessam à ordem (luta contra a corrupção, nacionalismo, diminuição de impostos etc)” (IASI, 2013). O editorial também trata da presença de grupos extremistas (*O Globo*, 2013, p. 4), que, segundo o jornal, “buscam isolar a esquerda organizada dos atos” (*Brasil de Fato*, 2013, p. 2), a partir de suas ações violentas. Trata igualmente neste editorial de se posicionar a favor da presença dos partidos políticos nas manifestações, mas entende que a rejeição aos mesmos é fruto do “forte sentimento de rejeição ao sistema político” (idem). Convoca os trabalhadores da cidade e do campo, juntamente com a população das periferias a tomarem seu lugar nas manifestações, pois, só assim a possibilidade de se avançar para a construção de um poder popular será possível.

A edição fluminense em seu editorial coloca em discussão a questão dos meios de comunicação e a necessidade de se buscar a sua democratização, de maneira que, com isso todos possam ter vozes. Entretanto, o que chama atenção neste editorial é a convocação para um ato que haveria na cidade, utilizando a primeira pessoa do plural: “Hoje (27), mais uma vez, *vamos* ocupar a Candelária¹⁴”, deixando transparente a parcialidade do veículo, que se põe ao lado dos manifestantes e como parte da luta e não como um mero instrumento de informação.

A *Folha*, conforme foi explicitado acima, só se posicionou sobre as manifestações em seu editorial no dia 13 de junho e neste o fez de forma conservadora. O editorial intitulado “Retomar a Paulista” chamava os manifestantes de “grupelho” e afirmava que eles se aproveitam da irritação cotidiana da população com transportes para exigir uma redução de tarifa que foi reajustada, “abaixo da inflação” (*Folha de S. Paulo*, 2013, p. 2). Portanto, na avaliação do jornal, tanto barulho é injustificável. Ao tratar das ações que quebraram vidraças de bancos perguntou: “O que vidraças de agências bancárias têm a ver com ônibus?” (idem). O editorial vai além, defende a polícia e sua ação violenta, já que “cabe ao poder público *impor* regras e limites ao exercício de *direitos*”,¹⁵ quando está tratando com “marginais e sectários”, nas palavras do jornal. Ou seja, a polícia agiu conforme se espera, quando se trata

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Grifo nosso.

de grupos de natureza reivindicatória. O veículo finaliza, em tom imperativo, que “é hora de pôr um ponto final” (idem) nas ações dos manifestantes e conclama que a “força da lei” seja usada contra os vândalos.

No dia anterior à edição de 15 de junho, um fato novo ocorreu nas manifestações: a polícia passou a agredir à imprensa, além dos manifestantes. A imagem de uma repórter da *Folha de São Paulo* com o olho sangrando após ser atingida por uma bala de borracha correu o mundo, entretanto, o fato de um de seus profissionais ter sido atingido durante a ação policial não fez, ainda, com que o jornal se posicionasse de forma diferente. O que ocorreu na verdade foi um lamento ao fato de a polícia não identificar a imprensa como sua aliada, pois, ela pode “oferecer um testemunho expurgado do radicalismo sectário que se impregnou nas manifestações contra o aumento da tarifa” (*Folha de S. Paulo*, 2013. p. 2), portanto, deveria ser vista como aliada. O jornal ainda chama a reivindicação por tarifa zero de “irreal” (idem) e afirma que o MPL, se não acolhe, tolera grupos que estão interessados apenas em “deprestar o patrimônio público” (idem).

O jornal só volta a tratar das manifestações em 18 de junho, um dia após a presidenta Dilma Rousseff ter sido vaiada na abertura da Copa das Confederações. O jornal procurou dar a entender que as vaias à presidenta estavam relacionadas aos protestos que se espalhavam pelo país, pois, entre os protestos a má aplicação do dinheiro público, como na construção de estádios, era umas das pautas.

Após as vaias à presidenta, o jornal que até então não dispusera espaço em seu editorial para tratar dos protestos em dias seguidos, curiosa e novamente, no dia 19 de junho retorna ao tema. Neste dia a comum presença de dois editoriais por edição, sede lugar para apenas um, e este inicia com uma *mea culpa* afirmando que as manifestações em geral são pacíficas, que os atos mais extremos foram provocados por uma minoria e que foi um equívoco subestimar as ações do Movimento Passe Livre. A expressão “não são só por 20 centavos” foi utilizada para justificar que as manifestações vão além do aumento das tarifas, a insatisfação com os governos de Dilma Rousseff, Alckmim, Sérgio Cabral e Fernando Haddad, chegaram aos protestos. O jornal não deixou de afirmar que a medida do governo de Haddad em recuar com o aumento é temerosa, pois, aumentaria o valor do subsídio da prefeitura para garantir a “irreal” tarifa zero. Destacam-se nesse editorial, o elogio à polícia paulista que “se redimiou” dos abusos anteriores e que é a classe média a grande protagonista dos protestos e que a inflação levou mais pessoas às ruas do que a ação truculenta da polícia.

Pelo terceiro dia seguido a *Folha* tratou das manifestações em seu editorial, com o título “Vitória das Ruas” (20/06), que refletia o recuo do aumento das passagens em diversas

capitais. O jornal, contudo, cobra ao prefeito de São Paulo que explique “de onde sairão as verbas para pagar a conta”. Neste editorial o jornal afirma que nenhum grupo político poderá tirar vantagens eleitorais dos protestos, e que a mandatária do Planalto, mesmo gozando de alta popularidade, sofreu com um “sentimento de insatisfação difuso”. A ação dos congressistas também foi posta em pauta, uma vez que, estes buscam, agora, estudar formas de acelerar a votação de projetos com apelo popular.

Os editoriais dos dias 23 a 30 de junho, respectivamente, guardam em si uma característica: excetuando o do dia 28 de junho, que trata da sabatina feita aos integrantes do MPL pelo jornal, todos os demais trazem como ponto em comum a crítica aos governos do PT. Tanto na esfera federal, com Dilma Rousseff, quanto na esfera municipal com Fernando Haddad, as ações desses governos foram postas, pelo jornal, como sendo os motivos das manifestações. As reivindicações, a problematização do tema e as consequências, como a depredação do patrimônio público e o enfretamento às forças policiais, em nenhum momento foram postas “à mesa”. Nesse raciocínio, onde a razão do aumento dos protestos não era mais a insatisfação com o sistema político partidário ou com limites da democracia representativa no Brasil, o PT passou a ser o motivo do aumento diário dos protestos. Num dia a causa era a corrupção, em outro o mau uso do dinheiro público ou a precariedade dos sistemas de educação e saúde, o número de ministérios, considerado alto, também foi pontuado como razão das ruas tomadas. Nesse período os governos tucanos foram esquecidos e eximidos de críticas. Igualmente curioso é a semelhança do perfil de publicações na *fun page* do PSDB no *Facebook* onde “Em uma visão de conjunto, a perspectiva do PSDB a respeito centrou-se nas temáticas do combate à corrupção e do ‘recado aos governantes’, um modo sinuoso de associar as jornadas ao questionamento popular sobre o governo federal e o PT” (SILVA, 2013).

As respostas ao “grito das ruas” como as propostas de convocação de constituinte exclusiva e plebiscito não agradaram à publicação, foram muito criticadas e chamadas de “balbúrdias” pela *Folha* no dia 26 de junho. Neste mesmo dia em seu editorial o jornal se posicionou como sendo a favor de uma reforma política que contemple entre outros pontos o “voto distrital misto” e a “manutenção do financiamento privado de campanha eleitoral”.

Podemos esquematizar, da seguinte forma, como o jornal se posicionou nos editoriais de 23 a 30 de junho:

<u>Data</u>	<u>Título</u>	<u>Posicionamento da Folha</u>
23 de junho	<i>Mensagem bem-vinda</i>	As medidas tomadas pela presidente deveriam começar por dar o exemplo reduzindo o número de ministérios.
24 de junho	<i>Protesto e Contrato</i>	Liberar mais dinheiro para saúde, educação e mobilidade é um erro, pra isso é preciso ser austero e cortar gastos antes.
25 de junho	<i>CPI dos ônibus (SP)</i>	Qualquer tentativa do prefeito Fernando Haddad (PT-SP) em adiar a CPI destoará do clamor das ruas.
26 de junho	<i>Confusão constituída</i>	Constituinte e plebiscito e corrupção como crime hediondo são balbúrdias e não resolverão os problemas conforme se espera.
27 de junho	<i>Brasília se agita</i>	Medidas como transformar corrupção em crime hediondo e passe livre a estudantes são medidas populistas e inócuas. Necessário é diminuir o número de ministérios.
28 de junho	<i>Muito além das catracas</i>	O MPL afirma que mobilidade é um direito como saúde e educação, por isso, defende a tarifa zero, nesse raciocínio deve ser criado o almoço grátis. Mas quem pagará por isso? Mais impostos?
29 de junho	<i>Não é só pelo dinheiro</i>	Saúde, educação estão nos protestos, mas destinar mais dinheiro a essas áreas não é o caminho para resolver esses problemas
30 de junho	<i>Infeliz e não sabia</i>	O governo federal não tem utilizado toda a verba destinada aos transportes, promovendo as justas manifestações por mais mobilidade.

Tabela elaborada pelo autor, a partir dos exemplares da *Folha de S. Paulo*.

Considerações Finais

A análise dos editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Brasil de Fato*, sobre as manifestações de junho, trouxe como resposta a diferença na cobertura do fato sobre os jornais que integram a grande mídia, ou grande imprensa, e os jornais alternativos.

Ficou claro que, no caso dos jornais alternativos, não há a menor preocupação em parecer isento, neutro ou imparcial, muito pelo contrário, em seus editoriais o jornal faz questão de se mostrar inserido e parte daquilo que vem sendo noticiado. Neste caso as

manifestações e os atos contra o aumento da passagem. O posicionamento do veículo em um de seus editoriais, ao clamar a população para um ato em primeira pessoa, deixa claro que o jornal, comprometido com uma visão de mundo à esquerda, está ao lado dos manifestantes e dos protestos.

O inverso é observado quando se analisa os editoriais da *Folha de S. Paulo*, um jornal da grande imprensa. Tudo o que este jornal quer é parecer imparcial, neutro e isento. Essa preocupação se dá justamente porque a publicação não é um mero instrumento de informação, ela é parte de um negócio, portanto, os jornais que atuam “como indústria cultural necessitam de credibilidade, o que os leva a noticiar os fatos com o máximo de objetividade e imparcialidade”, como assevera Alves Filho (2001, p. 63). Contudo, apesar do esforço, estes critérios não podem ser seguidos por publicações da grande imprensa, pois, estes veículos se vêm “impossibilitados de assim proceder, uma vez que, como empresas capitalistas, os jornais da grande imprensa são porta-vozes de um sistema de crenças, de uma visão de mundo que precede o acontecer” (idem). Portanto, imparcialidade, isenção e neutralidade são muito mais estratégias de caráter mercadológico do que uma prática de posicionamento ético/ideológico desses meios, que pelo que foi posto, é impossível de ser praticada.

Referências

- AMARAL, Roberto. “Imprensa e controle da opinião pública (informação e representação no mundo globalizado)”. In: *Imprensa e poder*, Luiz Gonzaga Motta (org.). Brasília: EdUnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 75-101.
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 8ª ed., 2002.
- BRITTOS, Valério Cruz; ROCHA, Bruno Lima; NAZÁRIO, Paola Madeira. “Comunicação, conferência e pauta de democratização”. In: *Comunicação & política*, Rio de Janeiro: Cebela, v.29, n.1, p. 13-28. jan/abr. 2011.
- DUVERGER, Maurice. *Os partidos políticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- IASI, Mauro. “Pode ser a gota d’água: enfrentar a direita avançando a luta socialista”, In: www.blogdaboitempo.com.br. Acesso em: 30/06/2013.
- ALVES FILHO, Aluizio. “O noticiário da mídia e a ‘velhinha da motocicleta’”. In: *Alceu*, Rio de Janeiro: PUC, v. 3, n.2, jul./dez. 2001, p. 57-77.
- MORAES, Denis de, “Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina” in: *Mídia, poder e contrapoder*. MORAES, Denis de, RAMONET, Ignácio, SERRANO, Pascual, Ed. Boitempo, 2013, SP, p. 103-144.
- _____. “Ativismo em rede: comunicação virtual e contra-hegemônica”. In: *A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009, p. 231-261.

- PUDDEPHATT, Andrew. “As revoluções árabes e a comunicação digital”. In: *Política Externa*, São Paulo: USP: IEEL: Paz e Terra, v.20, n.1, p. 13-28, jun/ago. 2011.
- RAMONET, Ignacio. “A explosão do jornalismo na era digital”. In: *Mídia, poder e contrapoder*. MORAES, Denis de, RAMONET, Ignacio, SERRANO, Pascual. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 85-102.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp. 2006.
- SILVA, Roberto Bitencourt da & SANTOS, Wagner Alexandre dos. “Confrontos na rua e no jornal: a designação de ‘baderna’ sob a perspectiva da análise do discurso”. In: *Cadernos de Letras da UFF: Niterói: UFF*, n. 42, 2011, p. 181-197.
- SILVA, Roberto Bitencourt da. “Mídia, violência e democracia”. In: *Verso e Reverso – revista da comunicação*, São Leopoldo/RS: Unisinos, v.20, n.45, 2006.
- _____. “Política e mídias sociais: as jornadas de junho no *Facebook* do PSDB”. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos em Tecnologia e Cidadania – Nuetec: Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro – Faeterj-Rio/Faetec, 2013. *Mimeo*.
- TORET, Javier. “Um olhar tecnopolítico sobre os primeiros dias do #15M”. In: *Revolução 2.0 e a crise do capitalismo global*, COCCO, Giuseppe & ALBAGLI, Sarita (orgs). Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.138-150.
- WU, Vinícius; “Cidadania e participação política no século XXI”. In: *Revolução 2.0 e a crise do capitalismo global*, COCCO, Giuseppe & ALBAGLI, Sarita (orgs). Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.151-156.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo, analisar como foi a cobertura das manifestações de junho de 2013, feita pelos jornais da grande imprensa e da imprensa alternativa, tomando como recorte os seus editoriais. Os jornais escolhidos para essa análise foram o diário *Folha de S. Paulo* e o semanário *Brasil de Fato*, respectivamente, representantes da grande imprensa e da imprensa alternativa.

Palavras-chave: Grande imprensa; Imprensa alternativa; Manifestações de junho.

Abstract: This article aims to analyze how was the coverage of the demonstrations of June 2013 made by the newspapers of the mainstream media and alternative media through the eyes of his editorials. The papers chosen for this tentame were the daily *Folha de S. Paulo* and the weekly *Brasil de Fato*, respectively, representatives of mass media and alternative media.

Keywords: Press; Alternative Press; Protests.

Recebido em: 26/08/2013.

Aceito em: 10/09/2013.